



Por Aloísio Andrade Oliveira
Ilustração: Rubens Lima

OS PRETOS TIPO A

Sobrevivendo no inferno é um álbum lançado pelo grupo de *rap* paulista Racionais MC's, em 1997, que vendeu oficialmente 1,5 milhões de cópias, mas com uma margem de vendagem via pirataria que pode ter alcançado 4 milhões de unidades a mais, segundo a revista *Rolling Stone*. Esse grande feito comercial deve ser pensado no contexto socioeconômico dos anos 1990, em que a pirataria dos CDs era uma atividade comercial paralela que atingia e desbancava a indústria musical, além de não haver redes sociais generalizadas para facilitar o compartilhamento de arquivos, como ocorreria no início dos anos 2000. Sendo assim, o contato direto entre os artistas e seu público era consideravelmente mais limitado. Deve-se pensar também no impacto desse sucesso na medida em que os integrantes dos Racionais MC's – Mano Brown (Pedro Paulo Soares Pereira), Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e o DJ KL Jay (Kleber Geraldo Lelis Simões) – não concediam entrevistas a grandes veículos de imprensa tradicional, tampouco apareciam em programas de destaque na televisão, naquele momento a grande mídia de massas no Brasil. (exer

Reforce-se que os integrantes dos Racionais MC's não só recusavam o *status* de celebridades do *rap*, como criticavam pesadamente os artistas negros que se rendiam às supostas benesses trazidas pela indústria musical, fomentada pelos programas de rádio e TV que construíam carreiras comercialmente rentáveis. O modo de atuação do grupo foi criado de maneira alternativa, do ponto de vista artístico e comercial, já que, aproximadamente, desde 1988, faziam shows nas periferias e em eventos culturais

voltados para as comunidades pobres da Grande São Paulo, tendo posteriormente alcançado o Brasil inteiro. Lançaram dois EP's, mas foi com o disco *Raio-X do Brasil*, no final de 1993, que continha músicas como “Fim de semana no parque” e “Homem na estrada”, que o grupo alcançou uma repercussão que extrapolou o cenário do *hip hop* paulistano.



(exer

É importante também pensar o movimento do *rap* nacional não apenas como uma continuidade da cultura *hip hop*, que surge nos anos 1960-1970 nos bairros pobres de Nova Iorque, mas, principalmente, como uma releitura recriadora de uma musicalidade calcada no discurso potente dos excluídos, sobretudo dos afrodescendentes, que até então ou eram silenciados pela cultura considerada adequada ou eram sumariamente ignorados e esquecidos pela sociedade. O *rap* brasileiro assimilou as características do gênero musical, com as batidas fortes e ritmadas, poderosas e dançantes, elaboradas pelos *DJs*, a partir de *samples* da *black music*, em especial o *soul* e o *funk* dos anos 1970, juntamente à figura imponente do MC, o mestre de cerimônia, que criava rimas em cima da base musical compassada, transformando o discurso em canção: ritmo e poesia (Rhythm And Poetry).

Os MC's daqui trouxeram para o *rap* as narrativas das periferias brasileiras, o olhar do marginalizado que nunca falou por si, a perspectiva de quem se considerava ignorado pela “alta” cultura, traduzindo poeticamente os relatos vindos diretamente das ruas. Junto à urbanidade sonora do *rap*, vieram os *samples* extraídos de músicas brasileiras, principalmente da música negra, a mistura com ritmos regionais, as referências à religiosidade afro, as gírias e jargões urbanos: mais do que originalidade, o *rap* nacional ganhou autenticidade.

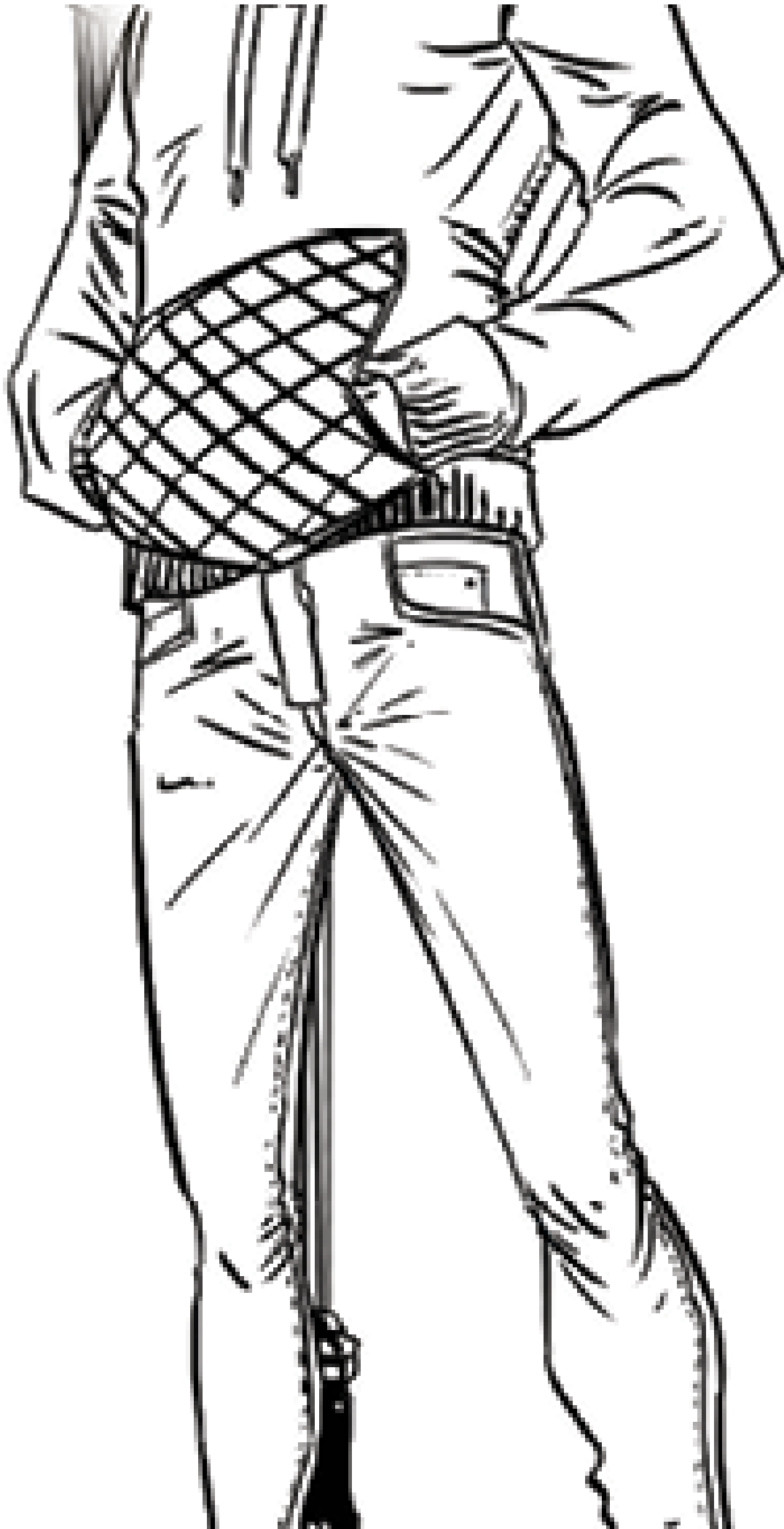
Ressalte-se que a UNICAMP indicou como referência para o vestibular o conjunto das músicas existentes no álbum *Sobrevivendo no inferno*, não exclusivamente as letras dos *raps* cantadas no disco. Para viabilizar a análise textual do disco, optou-se pela utilização da versão em livro, lançada pela Companhia das Letras, em virtude da indicação do álbum musical como obrigatório para o exame de seleção. No entanto, o texto verbal impresso dos *raps* jamais poderá alcançar a dinâmica da experiência sonora, artística e social de se escutar o disco em sua totalidade, levando-se em conta a interação entre o ritmo e as letras rimadas, as sonoridades que permeiam as ideias, os graves e agudos de batidas e efeitos sonoros, a continuidade e dinâmica da música relacionada à prosódia dos *rappers*, ou seja, o próprio exercício estético de se escutar a obra musical em si. (exer

Ainda assim, as letras, como texto verbal, mantêm a potência criativa de narrativas poéticas, verdadeiras crônicas sociais em forma de ritmo e poesia que o grupo criou. Tratam-se de poemas urbanos, narrativas em versos que articulam as experiências de personagens cujo cotidiano é regulado pela violência e pela desigualdade. O impacto das letras de *Sobrevivendo no inferno* advém de como os processos sociais que separam as periferias violentas de metrópoles, como São Paulo, as ditas *quebradas*, dos centros de poder financeiro, conforto e saúde, luxo e benesses consumistas, são explicados e reportados. Quase sempre calcados na violência sofrida ou no revide, os poemas, narrativas, testemunhos ou relatos – entenda-se como quiser os *raps* – revelam o inevitável: após anos da Abolição, a população negra, parda e periférica não possui nenhum tipo de benefício estrutural ou social que lhes permita ascender

economicamente; após seguidos programas econômicos governamentais, as favelas continuam sendo o espaço onde a criminalidade torna-se uma escolha daqueles que não têm escolha:



(exer



(exer



MANO BROWN

Para os mano da Baixada Fluminense à Ceilândia

Eu sei, as ruas não são como a Disneylândia

De Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro

Ser um preto tipo A custa caro

É foda

Foda é assistir à propaganda e ver

Não dá pra ter aquilo pra você

Playboy forgado, de brinco, cu, trouxa

Roubado dentro do carro na avenida Rebouças

Correntinha das moça, as madame de bolsa

Dinheiro... Não tive pai, não sou herdeiro

Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal

Por menos de um real minha chance era pouca

Mas se eu fosse aquele moleque de touca

Que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca

De quebrada, sem roupa, você e sua mina

Um, dois, nem me viu, já sumi na neblina

(exer

Mas não...

Permaneço vivo, prossigo a mística

Vinte e sete ano contrariando a estatística

Seu comercial de TV não me engana

Eu não preciso de *status* nem fama

Seu carro e sua grana já não me seduz

E nem a sua puta de olhos azuis

Eu sou apenas um rapaz latino-americano

Apoiado por mais de cinquenta mil manos

Efeito colateral que o seu sistema fez

Racionais, capítulo 4, versículo 3

Nessa, que é uma das mais poderosas músicas do grupo, a terceira faixa (o terceiro versículo) do quarto disco (quarto capítulo) do grupo, em poucos versos, Mano Brown relativiza a sedução exercida pelo crime, coloca-se no lugar do criminoso para imaginar sua motivação, arregimenta o abandono paterno como justificativa de muitas ações de grande parte de crianças criadas apenas por figuras maternas no Brasil, que sentem, no sofrido cotidiano, tal ausência, além de conclamar a comunidade à qual pertence como legitimadora e protetora de seu ponto de vista e ações. (exer

Sem perder o fôlego, o testemunho do *rapper* revela os cordões manipulatórios de um sistema econômico que hipnotiza os indivíduos por meio da indução ao consumo alienante, ressalta as origens mestiças e latinas comuns a ele e aos que o escutam, desabafa a partir de uma metaforização do discurso bíblico por meio da intertextualidade com os textos sagrados, na inscrição dos capítulos e versículos como lições aprendidas na lida urbana, recriando uma nova catequese para aqueles que sofrem dos mesmos problemas que ele, sem deixar de lado as estatísticas de violência que evidenciam um genocídio contra os afro-brasileiros. O músico, como “efeito colateral”, é a exceção, o sobrevivente no inferno. Tamanho poder de síntese narrativa, elaborada com base em uma linguagem criativa e estética, produzida com a concisão de pensamento manifesto a partir da expressividade metafórica da linguagem, só é encontrável em textos considerados verdadeiramente poéticos.



(exer

A BALA NÃO É DE FESTIM, AQUI NÃO TEM DUBLÊ

Nos anos 1990, vários acontecimentos violentos chocaram os brasileiros e repercutiram internacionalmente. Em 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar do Estado de São Paulo reagiu brutalmente contra uma rebelião no presídio do Carandiru, mais

precisamente no Pavilhão 9, matando 111 presos. A intervenção ainda é considerada por grande parte dos críticos dessa ação violenta como um verdadeiro massacre. A maioria dos 111 detentos mortos era composta por réus primários, assassinados desarmados nos corredores da carceragem ou dentro das próprias celas. Poucos meses depois, em 23 de julho de 1993, quatro policiais militares dispararam contra cerca de cinquenta crianças e adolescentes que dormiam nas escadarias da igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Aparentemente, era uma represália contra pequenos furtos que jovens em situação de rua praticavam. Houve oito mortos e dezenas de feridos nesse episódio que ficou conhecido como a chacina da Candelária.

Um mês depois, em 29 de agosto de 1993, mais de trinta policiais militares, encapuzados e sem farda, assassinaram vinte e uma pessoas em Vigário Geral, Rio de Janeiro, com a justificativa de que os mortos possuíam ligação com o tráfico de drogas, o que não foi provado.

Em 1997, o governo Fernando Henrique Cardoso seguia com sua pauta neoliberal buscando controlar a inflação, orientando a economia brasileira para as privatizações. Com isso, FHC conseguiu se reeleger para um segundo mandato em 1998, derrotando o candidato Lula, seu principal adversário. Apesar de ações na área da educação, a extrema desigualdade social, provocada pela concentração de renda nas mãos de uma pequena parcela populacional, ainda era uma das marcas brasileiras que o governo não deu conta de alterar, motivando grandes críticas ao sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Sendo assim, a insegurança social é um dos fatores mais relevantes desse período. É importante narrar a pobreza do contexto do final dos anos 1990, pois ela é a (exer) propulsora de várias atrocidades cometidas, principalmente, contra os afro-brasileiros, habitantes das regiões periféricas urbanas, as grandes vítimas do sistema social excludente do Brasil. Os dados do período, inclusive, são levantados no início do disco dos Racionais MC's – oferecendo um importante retrato social do momento:

PRIMO PRETO

60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial

A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras

Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros

A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo

Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente
(Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-029)

O número de universitários declarados pretos e pardos aumentou após 1997, quando o disco foi lançado, devido ao sistema de cotas, decretado constitucional pelo Supremo Tribunal Federal em 2012, que permitiu o ingresso na universidade de parcela

considerável de jovens de baixa renda oriundos de regiões marginalizadas, mas a violência policial ainda atinge principalmente os negros. Segundo dados do Atlas da Violência, lançado pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2017, homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no Brasil.

A população negra equivale, segundo dados do estudo, a 78,9% dos 10% das pessoas com mais chances de se tornarem vítimas de homicídios. Os negros, conforme demonstrado pelo Atlas e já descontados os efeitos da idade, do sexo, da escolaridade, do estado civil e do bairro onde moram, possuem chances 23,5% mais altas de serem assassinados em comparação aos brasileiros pertencentes a outras etnias. Concomitante a isso, no Brasil, a cada 100 pessoas assassinadas, 71 são negras. Se as estatísticas assustam, é de se considerar que o rap dos Racionais MC's não só abordasse tal problema escancarado em sua realidade, como também alertasse os seus principais interlocutores, os jovens da periferia, acerca da violência a que estariam inevitavelmente submetidos.

Não por acaso, também, o disco se inicia com uma oração a São Jorge, sincretizado com Ogum no candomblé, resgatando uma música de Jorge Ben. “Ogunhê” é pronunciado abertamente numa saudação e pedido de proteção àquele que é o orixá ferreiro, segundo a cultura iorubá, o senhor da guerra, pois é a luta diária no inferno urbano que se vai relatar:

Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge

Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem

Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem

Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam

E nem mesmo um pensamento eles possam ter

Para me fazerem mal

Armas de fogo meu corpo não alcançarão

Facas e espadas se quebrem sem o meu corpo tocar

Cordas e correntes arrebenhem sem o meu corpo amarrar

Pois eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge
(Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-028)

(exer

O clima bélico e de combate se mantém até o final do álbum, quando no “Salve”, faixa de dedicatórias e homenagens às comunidades, às periferias e à população carcerária, Mano Brown profere, após saudar os DJ's e MC's que fazem do *rap* a trilha sonora dos

habitantes do gueto:

E pros filha da puta que querem jogar minha cabeça pros porco:

Aí, tenta a sorte, mano

Eu acredito na palavra de um homem de pele escura, de cabelo crespo

Que andava entre mendigos e leprosos pregando a igualdade

Um homem chamado Jesus

Só ele sabe a minha hora

Aí, ladrão, tô saindo fora

Paz ([Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-027](https://digital.bernoulli.com.br/estudodeobras/sobrevivendonoinferno/))



(exer

Sobrevivendo no inferno é um álbum que deve ser pensado não somente como uma agregação coesa de músicas, mas também como um conjunto de canções com signos que se repetem e se reproduzem poeticamente. A capa à semelhança de uma *Bíblia* preta, com uma cruz dourada evocando o maior signo cristão, a referência nas letras à imagem de Jesus como um indivíduo pardo e as evocações religiosas afro-brasileiras compõem, junto à inscrição do Salmo 23 na capa e contracapa do disco, a qual possui uma foto de um indivíduo empunhando uma arma nas costas, uma profunda reverência ao divino e à busca por proteção do sagrado contra a imprevisibilidade do inferno da vida real:

Refrigere minha alma e guia-me pelo caminho da justiça. (Salmo 23, 3)

E mesmo que eu ande no vale da sombra e da morte não temerei mal algum porque tu estás comigo. (Salmo 23, 4)

O salmo refere-se à justiça, mas ela não existe ou não é a mesma para os pretos pobres das periferias, conforme ditam as leis, o que leva o ouvinte à introdução, com a faixa denominada “Gênesis”, na qual Mano Brown sentencia:

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor

O homem me deu a favela, o *crack*, a traiagem

As arma, as bebida, as puta

Eu?

Eu tenho uma *Bíblia* velha, uma pistola automática

Um sentimento de revolta

E tô tentando sobreviver no inferno (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-026)

No começo de tudo, a revolta. No princípio dos tempos, o homem destruindo a criação divina. Junto à *Bíblia*, a arma como elemento de defesa e ataque; junto à natureza, o subproduto da miséria na favela: a criminalidade e o tráfico de drogas. Essas são as principais motivações desse álbum: narrar a violência gerada por um sistema social injusto que pune os mais pobres, alienando-os e incitando-os à vida no crime; a impossibilidade de manter qualquer tipo de idealização em meio às desgraças cotidianas; o dever e a obrigação de mostrar aos jovens novas perspectivas que os forcem a refletir sobre a desigualdade que se abate sobre eles; a provocação do gueto contra aqueles que querem manter a população preta escondida e alienada nas periferias.

O *rap* é um discurso armado, potente e informado sobre o que acontece nos guetos brasileiros. Mais do que uma simples voz da periferia, articula-se como poesia que traduz a responsabilidade em se expressar por todos os marginalizados, buscando ao mesmo

(exer

tempo entender a si enquanto sujeito, que sofre pela falta de acesso à escolaridade• adequada, bens de consumo e conforto familiar, mas também aos outros pretos e pobres, que talvez nunca tenham parado para refletir sobre seu lugar no mundo. Assim diz a letra de “Capítulo 4, Versículo 3”:

MANO BROWN

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar

Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar

Eu sou bem pior do que você tá vendo

O preto aqui não tem dó, é 100% veneno

A primeira faz bum, a segunda faz tá

Eu tenho uma missão e não vou parar

Meu estilo é pesado e faz tremer o chão

Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além

E tem disposição pro mal e pro bem

Talvez eu seja um sádico, ou um anjo, um mágico

Ou juiz, ou réu, um bandido do céu

Malandro ou otário, padre sanguinário

Franco-atirador, se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal

Antigo e moderno, imortal

Fronteira do céu com o inferno

Astral imprevisível, como um ataque cardíaco

Do verso violentamente pacífico, verídico

Vim pra sabotar seu raciocínio

(exer

Vim pra abalar seu sistema nervoso e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro loko

Número um, guia, terrorista da periferia

Uni-duni-tê, eu tenho pra você

Um *rap* venenoso ou uma rajada de PT

E a profecia se fez como previsto

KL JAY

Um, nove, nove, sete

MANO BROWN

Depois de Cristo

A fúria negra ressuscita outra vez

Racionais, capítulo 4, versículo 3 (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-025)

O “bandido do céu” com seu “verso violentamente pacífico” configura o conjunto de (exer) contradições moldadas pela sociedade que o *rapper* carrega em si. Ao narrarem-se, as vozes dos *rappers* realizam o cruzamento das suas trajetórias pessoais às daqueles com os quais compartilham a pobreza e a escassez. Longe de ser moralista, o discurso dos *manos* é relativista e contundente. Eles entendem que muitas pessoas não têm escolha, não conseguem recusar o mundo de seduções capitalistas exercidas pelo desejo de consumo inculcado pela mídia, sequer entendem que são manipulados por um sistema que tenta anulá-los, inviabilizando suas vidas:

MANO BROWN

Colou dois mano, um acenou pra mim

De jaco de cetim, de tênis, calça jeans

ICE BLUE

Ei, Brown, sai fora, nem vai, nem cola

Não vale a pena dar ideia nesses tipo aí

Ontem à noite eu vi na beira do asfalto

Tragando a morte, soprando a vida pro alto

Ó os cara, só o pó, pele e osso

No fundo do poço, uma pá de flagrante no bolso

MANO BROWN

Veja bem, ninguém é mais que ninguém

Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também

ICE BLUE

Mas de cocaína e crack, uísque e conhaque

Os mano morre rapidinho, sem lugar de destaque

MANO BROWN

Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma?

Nem dá, nunca te dei porra nenhuma

Você fuma o que vem, entope o nariz

Bebe tudo que vê, faça o diabo feliz

Você vai terminar tipo o outro mano lá

Que era um preto tipo A, ninguém entrava numa

Mó estilo, de calça Calvin Klein, tênis Puma

Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê

Curtia um *funk*, jogava uma bola

Buscava a preta dele no portão da escola

Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope

Mas começou a colar com os branquinho do shopping

EDI ROCK

•

•

(exer

•

Aí já era

MANO BROWN

Ih, mano, outra vida, outro pique

Só mina de elite, balada, vários drinque

Putá de butique, toda aquela porra

Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra

Faz uns nove anos

Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano

Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto

Dente tudo zuado, bolso sem nenhum conto

O cara cheira mal, as tia sente medo

Muito louco de sei lá o quê... logo cedo

Agora não oferece mais perigo

Viciado, doente, fudido, inofensivo



Para ampliar o sentido dessa letra, vale resgatar uma rara entrevista concedida por Mano Brown ao jornal *Notícias Populares* em 1997, em que o *rapper* responde acerca do medo da morte:

Medo de morrer eu não tenho, não. Só Deus sabe a minha hora. A gente fala da estatística porque na zona sul de São Paulo a maioria dos caras não chega aos 23 ou 24 anos. A maioria dos caras na nossa picada, que vive da mesma maneira que a gente, da nossa cor, não chega a essa idade. Quando você passa dos 25, já começa a falar: “Tô no lucro”. A maioria morre ou vai preso antes. A gente não passou nesses venenos, tipo pegar uma cana. Na época que

estava todo mundo “desandando”, entrando pro crime, a gente achou o rap. O rap nos salvou. •
Da nossa época, só nós estamos vivos (Brown e Blue). O resto tá tudo morto.
(Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-023)

A contundência da resposta de Mano Brown alia-se ao próprio relato consciente sobre o poder da manipulação do sistema capitalista sobre os pobres, pois os *raps* entoados pelos Racionais MC's contrariam as estatísticas de criminalidade, de morte prematura e de alienação comuns aos seus iguais. A despeito de *Sobrevivendo no inferno* ter ultrapassado as fronteiras da periferia, das pontes das *quebradas* e dos becos das favelas, é para a população negra que as letras bradam.

“Periferia é periferia (Em qualquer lugar)”, cujo título explicita um irônico lugar-comum trabalhado na letra, traz uma duplicidade de sentidos alcançada a partir da expressividade crítica de se apontarem os problemas, mas também as peculiaridades das comunidades periféricas. A periferia passa não só a ser o espaço da miséria violenta, mas um lugar de onde emana cultura e poder de denúncia. Isso se deve ao surgimento do *rap*, em grande medida, como forma de confronto ao discurso do senso comum. Assim sendo, outros modos de dizer são autorizados por meio da poesia urbana do *rap*, outros pontos de vista, dessa maneira, devem ser levados em consideração:

EDI ROCK

Este lugar é um pesadelo periférico

(exer

Fica no pico numérico de população

De dia, a pivetada a caminho da escola

À noite vão dormir enquanto os mano decola

Na farinha, na pedra

Usando droga de monte, que merda

Eu sinto pena da família desses cara

Eu sinto pena, ele quer mais, ele não para

Um exemplo muito ruim pros moleque

Pra começar é rapidinho e não tem breque

Herdeiro de mais alguma dona Maria

[OUTRO]

Cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria

EDI ROCK

Porque o chefe da casa trabalha e nunca está

Ninguém vê sair, ninguém escuta chegar

O trabalho ocupa todo o seu tempo

Hora extra é necessário pro alimento

Uns reais a mais no salário

Esmola de patrão, cuzão, milionário

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano

Trezentos e sessenta dias por ano sem plano

Se a escravidão acabar pra você

Vai viver de quem, vai viver de quê?

O sistema manipula sem ninguém saber

A lavagem cerebral te fez esquecer

Que andar com as próprias pernas não é difícil

Mais fácil se entregar, se omitir

Nas ruas áridas da selva

Eu já vi lágrimas demais

O bastante pra um filme de guerra (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-022)

Nessa música, uma sequência de *samples* utilizados durante os refrãos dá uma ideia das várias vozes que compõem esse espaço de riqueza cultural, mas também de tragédias e contradições, que a sociedade uniformiza sob o nome de periferia:

[VÁRIOS]

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Periferia, gente pobre

Aqui a visão já não é tão bela

Não existe outro lugar

Milhares de casas amontoadas

Periferia é periferia

Vacilou, ficou pequeno, pode acreditar

Periferia é periferia (em qualquer lugar)

Muita pobreza, estoura a violência

Nossa raça está morrendo mais cedo

Não me diga que está tudo bem

Muita pobreza, estoura a violência

Nossa raça está morrendo mais cedo

A verdade seja dita

Gente pobre

Periferia é periferia

Vários botecos abertos, várias escolas vazias

Periferia é periferia

E a maioria por aqui se parece comigo

Periferia é periferia

Mães chorando, irmãos se matando, até quando?

Periferia é periferia (em qualquer lugar)

Gente pobre

Periferia é periferia

Aqui, meu irmão, é cada um por si

Periferia é periferia

Molecada sem futuro, eu já consigo ver

Periferia é periferia

Aliados drogados

Periferia é periferia (em qualquer lugar)

Gente pobre

Periferia é periferia

Deixe o crack de lado, escute o meu recado



(exer

Trata-se de um vórtice de informações que comprovam a marginalização a que os moradores, principalmente os afro-brasileiros, estão submetidos, mas igualmente um ataque verbal àqueles que consideram que se trata apenas de um lugar de pessoas esquecidas, sem cultura, sem olhar crítico, sem espírito combativo. A prioridade das

letras imponentes dos Racionais MC's é lutar pelos pretos, contra o que se evidencia como um genocídio, afinal morrem sempre mais negros do que brancos. Conclama-se, dessa maneira, a união das *quebradas*, fazendo-se a menção a vários bairros onde os cantores vivem e se sociabilizam, evocando a comunhão, o partilhamento de olhares, sem deixar de lado a sensação de pertencimento àquele lugar.

Sempre é importante destacar que tal partilha é comprometida com o modo de vida das periferias urbanas, o que é dito nas letras por quatro músicos negros e jovens, imersos em um ambiente de violência e falta de perspectiva. Portanto, relaciona-se com uma verdade subjetiva que pode ser tomada por qualquer um. Quando as letras abordam a penetração da droga, do *crack* mais especificamente, nas favelas, não se trata de mera apologia à criminalidade e, sim, um aviso contundente aos ouvintes. Do *crack* só sairá a desgraça e desagregação familiar; todos aqueles que se envolvem com a criminalidade, nas letras, acabam mortos. A droga só traz a humilhação e a submissão aos negros. O tráfico oferece a remuneração instantânea, mas também o fim trágico. A criminalidade fatalmente levará o sujeito ao presídio. São essas as chamadas *orelhadas* que as letras buscam concretizar, os conselhos dados: o *rap* deve ajudar os *manos* a se manterem vivos.

A despeito das letras falarem sobre como resistir à vida do crime, principalmente aos jovens tentados nessa direção, se engana quem esperar discursos moralistas. Ao contrário, as canções buscam discutir o lugar do usuário, do traficante e dos trabalhadores que moram nas favelas e se tornam vítimas diretas e indiretas do tráfico, da polícia e da violência urbana. Tal multiplicidade de pontos de vista traduz um concerto de opiniões e perspectivas que alertam para como os jovens negros se escravizam novamente, repetindo o passado de dominação violenta imposta barbaramente aos africanos e seus descendentes no período escravista, assim como brada Edi Rock ao final de “Periferia é periferia”:

EDI ROCK

Vi só alguns anos pra cá, pode acreditar

Já foi bastante pra me preocupar com meus filhos

Periferia é tudo igual

Todo mundo sente medo de sair de madrugada e tal

Ultimamente andam os doido pela rua

Louco na fissura, te estranham na loucura

Pedir dinheiro é mais fácil que roubar, mano

Roubar é mais fácil que tramar, mano

É complicado, o vício tem dois lado

Depende disso ou daquilo, ou não, tá tudo errado

Eu não vou ficar do lado de ninguém porque:

Quem vende a droga pra quem?

Vem pra cá de avião ou pelo porto, cais

Não conheço pobre dono de aeroporto e mais

Fico triste por saber e ver

Que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você
(Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-020)

A LEI DA SELVA É ASSIM, PREDATÓRIA. PRESERVE A SUA GLÓRIA

Na entrevista ao *Notícias Populares*, Mano Brown comenta faixa a faixa as músicas de *Sobrevivendo no inferno*. Tal síntese é importante tendo em vista a obra em sua totalidade, porque assim se tem a perspectiva do conjunto poderoso das canções: (exer

Jorge da Capadócia

É uma homenagem a Ogum, que é um orixá que abre os caminhos, e a Jorge Ben. Quando abrimos o selo, abrimos uma guerra. Ogum vai abrir uma frente pra gente.

Capítulo 4, Versículo 3

Para quem achou que o Racionais tava morto, estamos voltando. É o capítulo quarto.

Tô Ouvindo Alguém me Chamar

Faltam dez minutos pra um cara morrer. Acabou de tomar uns tiros, tá deitado no chão recebendo socorro, e começa a lembrar de todas as pilantragens que fez. É a morte chamando ele.

Rapaz Comum

Conta a história de um rapaz comum. É o que acontece todo dia: o cara tá assistindo a um jogo, aí toca a campainha... quando ele vai atender, o cara senta o dedo (atira).

Diário de um Detento

É uma letra que conta um dia antes, durante e depois do massacre no Carandiru. Eu catei depoimentos de vários presos. Uma parte foi composta por um cara de lá. Fomos jogar bola lá dentro e recebi a letra. Um primo que tava lá contou os detalhes.

Periferia é Periferia

É do Edi Rock. É a história de um trabalhador que compra um revólver pra se defender e acaba matando um moleque. O viciado em drogas vai roubar o trabalhador que mata ele.

Mágico de Oz

Conta a história dos moleques do centro da cidade, do crack.

Fórmula Mágica da Paz

Fala da zona sul e de como você pode fazer o inferno dentro da sua própria cabeça. Se você já sai preparado pra receber violência, vai cometer mais atos de violência.

Salve

Falamos dos lugares que já visitamos. Os manos que conhecemos lá. Fala de bairro que ninguém nem fala, como o Colônia. Lá tem até índio. É um lugar esquecido. Se os Racionais não falam desses lugares, ninguém vai falar. Nem samba, nem porra nenhuma. (exer



(exer

No artigo introdutório à edição da Companhia das Letras, Acauam Silvério de Oliveira faz uma interessante analogia da organicidade do disco com os cultos neopentecostais, tendo em vista os símbolos sacros presentes na obra bem como o contexto de ascensão das diversas denominações cristãs no Brasil, no fim dos anos 1990, em especial nas periferias:

De forma bastante livre, e aproveitando-se das sugestões teológicas do disco, podemos esquematizar as várias partes desse “culto” onde se exploram as diversas contradições entre os modelos éticos (crime, neopentecostal e *rap*) presentes na periferia. Teríamos assim a seguinte divisão: cântico de louvor e proteção direcionado ao santo guerreiro (“Jorge da Capadócia”); leitura do evangelho marginal (“Gênesis”); entrada em cena do pregador do proceder, explicando (ou confundindo, a depender da necessidade) os sentidos da palavra divina (“Capítulo 4, versículo 3”); o

momento dos testemunhos das almas que se perderam para o diabo, com resultados trágicos (“Tô ouvindo alguém me chamar” e “Rapaz comum”); *intermezzo* musical para velar aquelas mortes, interrompido por tiros que fazem recomeçar o ciclo; a pregação ou mensagem central (massacre do Carandiru) que liga o destino daqueles sujeitos ao de toda a comunidade (“Diário de um detento”), chave de compreensão do destino de todos e descrição do próprio inferno; exemplos do modo de atuação do diabo no interior da comunidade (“Periferia é periferia”); exemplos do modo de atuação do diabo fora da comunidade (“Qual mentira vou acreditar”). Ao final, um momento de autorreflexão sobre os limites da própria palavra enunciada (“Mágico de Oz” e “Fórmula mágica da paz”) e os agradecimentos a todos os presentes, verdadeiros portadores da centelha divina (“Salve”). (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-018)

A presença do diabo como elemento de tentações e desvios de conduta decorre principalmente da presença massiva dos signos do cristianismo nas periferias e, por conseguinte, nos *raps* dos Racionais MC’s. O engajamento cultural e estético das letras do grupo transforma-se em militância e profetização, e o discurso poético, na munição contra o sistema capitalista opressor, o próprio demônio. Adverte, por exemplo, Mano Brown:

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor

Pelo rádio, jornal, revista e *outdoor*

Te oferece dinheiro, conversa com calma

Contamina seu caráter, rouba sua alma

Depois te joga na merda, sozinho

Transforma um preto tipo A num neguinho

Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma

Louvado seja o meu Senhor

Que não deixa o mano aqui desandar

E nem sentar o dedo em nenhum pilantra

Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei

Racionais, capítulo 4, versículo 3 (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-017)

(exer

A presença do divino como proteção, no entanto, não garante a sobrevivência nesse inferno periférico, visto que o sistema capitalista é encarado como verdadeiro culpado por tamanhas tentações. As provocações consumistas do mundo materialista mostram aos negros que o capitalismo é branco: há controle e poder sobre os moradores de periferia, visto que eles não podem consumir como os demais. Os órgãos repressivos como a polícia, o governo, as prisões e a mídia estão todos sob controle dos brancos, consequentemente dos ricos. Aos indivíduos pretos da periferia não é permitido sair dali, livrar-se da marginalização à qual parecem fadados. A força de trabalho dos negros também é mal remunerada, perpetuando os laços de dependência. Para as cadeias, devem ir aqueles que transgridem as leis criadas por brancos que ignoram o modo de vida cruel e bárbaro de periferias violentas.

Assim sendo, percebe-se evidentemente como o *rap* dos Racionais MC's é um revide contra uma situação de desamparo e carência material, afetiva e educacional entre a população da periferia. As letras revelam uma memória coletiva da população negra, uma voz conjunta que, apesar dos lamentos, também celebra a vida – afinal, estão sobrevivendo a esse inferno. Trata-se de uma memória de testemunho: os eventos que marcam as vivências dos cantores transformam-se na essência dos *raps*. A vida dos personagens que os músicos conheceram com riqueza de detalhes transmuta-se em narrativas poéticas.

A denúncia contra o racismo, mais do que uma missão, torna-se também uma possibilidade para se entender e reconhecer suas raízes, celebrando-se a existência negra em um país tão injusto com os afro-brasileiros. (exer

A forma de revide violento é, frequentemente, substituída nas letras pela autoconsciência e a autovalorização. O valor do estudo, a distância do universo do tráfico e do consumo de drogas, a sabedoria pragmática das ruas: trata-se da aplicação de uma *malandragem* que só o ambiente da periferia chancela aos sobreviventes desse inferno. Para os de fora da periferia, ali é exclusivamente o ambiente de violência. Mas ela, na verdade, vem de fora e ali, na escassez, encontra terreno fértil, tomando conta da vida dos negros, cujas condições precárias os tornam mais vulneráveis. Assim, a maior reação violenta contra o sistema seria sobreviver a ele, intimidá-lo com a sabedoria das ruas, mantendo distância de tudo aquilo que perpetuaria a escravidão ou submissão aos brancos ricos:

EDI ROCK

Queria atrasar o meu relógio

Pra mim vale muito um minuto a mais de ódio

Mas me sinto fraco, indefeso, desprotegido

Eu vou mais alto, cuzão, pra te levar comigo

Vou ser um encosto na sua vida

Você criou um monstro sem cura, sem alternativa

Me enganar pra quê?

Se o fim é virar pó

Fiquei muito pior

Segura o seu B.O.

O preto aqui não tem dó

Mais uma vida desperdiçada e é só

Uma bala vale por uma vida do meu povo

No pente tem quinze, sempre há menos no morro

E então?

Quantos manos iguais a mim se foram?

Preto, preto, pobre, cuidado, socorro!

Que que pega aqui? Que que acontece ali?

Vejo isso frequentemente, desde moleque

Quinze de idade já era o bastante, então

Treta no baile, então, tiros de monte

Morte nem se fala

Eu vejo um cara agonizando

ICE BLUE

Chame a ambulância! Alguém chame a ambulância!

EDI ROCK

Depois ficava sabendo na semana

Que dois já era

•

•

(exer

•

Os preto sempre teve fama

No jornal, revista, TV se vê

Morte aqui é natural, é comum de se ver

Caralho! Não quero ter que achar normal

Ver um mano meu coberto com jornal

É mal, cotidiano suicida

Quem entra tem passagem só pra ida

Me diga, me diga

ICE BLUE

Que adianto isso faz?

EDI ROCK

Me diga, me diga

Que vantagem isso traz?

Então, a fronteira entre o céu e o inferno tá na sua mão

Nove milímetros de ferro

Cuzão! Otário! Que porra é você?

Olha no espelho e tenta entender

A arma é uma isca pra fisgar

Você não é polícia pra matar

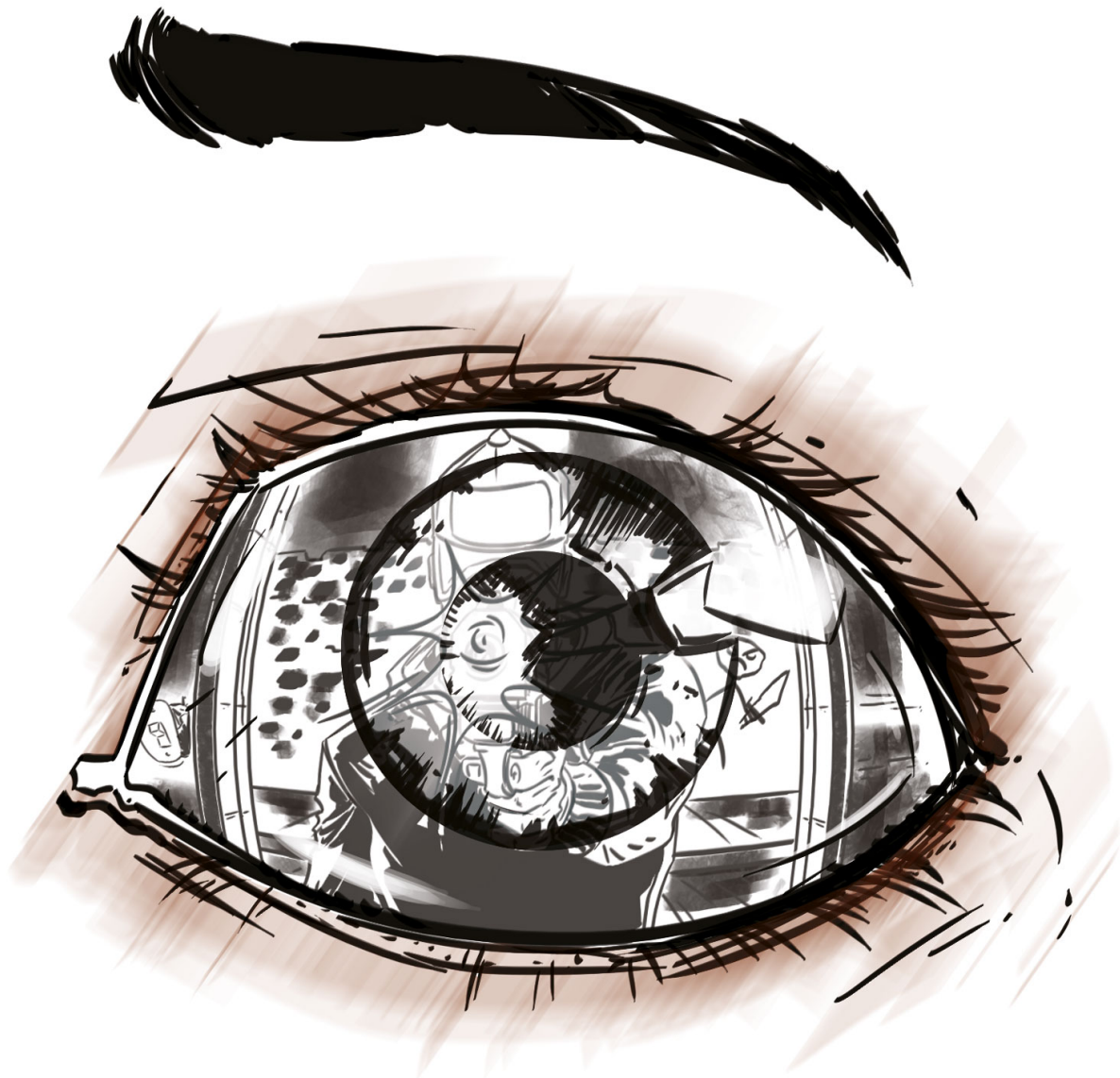
É como uma bola de neve

Morre um, dois, três, quatro

Morre mais um em breve

Sinto na pele, me vejo entrando em cena

Tomando tiro igual filme de cinema (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-016)



(exer

Já que as ruas não são ficcionais, e já que as balas e a crueldade da realidade violenta não são nada cinematográficas, os Racionais MC's polemizam exatamente sobre esse círculo de violência que estrutura o cotidiano da periferia e da cidade como um todo. No entanto, ao invés de fazer condenações sumárias, as canções buscam entender as causas complexas e os pontos de vista que permeiam esse organismo alimentado pela miséria: a criminalidade e o tráfico de drogas são estimulados pela pobreza, que por sua vez decorre do desemprego e das baixas remunerações, os quais se relacionam com a permanência dos indivíduos em locais pobres como as favelas. Dessa maneira, as favelas começam a concentrar uma grande parcela da população insatisfeita e excluída, composta majoritariamente por indivíduos pretos e pardos, impossibilitados de ascender socialmente, esquecidos pelo poder público, desconsiderados pela sociedade. Duas canções em especial aludem à perspectiva do criminoso sobre as vivências nesse

submundo violento, “Tô ouvindo alguém me chamar” e “Diário de um detento”, a última partindo, como explicado pelo próprio Mano Brown, da escrita e das vivências de um presidiário no Carandiru em São Paulo.

Na letra de “Tô ouvindo alguém me chamar”, a voz de um bandido iniciado no crime por um personagem apelidado de Guina enuncia seus delírios antes de morrer, após ser baleado. Guina foi o “professor no crime” que tinha “só moto nervosa, só mina da hora, só roupa da moda”, e para o narrador foi aquele sujeito sangue-frio que lhe mostrou como colocar o sistema a seus pés, usando o cano de uma arma. A violência praticada por ele e Guina é manifestada como uma forma vingativa de se livrar das mazelas passadas na infância e do preconceito sofrido na vida adulta. Caso alguém reagisse aos assaltos, era baleado sem piedade, pois esse modo de ação de Guina rendia dinheiro e lhes possibilitava a fuga. Ao final, será essa mesma intemperança que fará Guina, já preso, mandar assassinar o ex-parceiro, acusando-o de tê-lo delatado. A arma usada pelos assassinos é a mesma que o narrador deu ao Guina. Entre as promessas de que vai sair da vida do crime, de que vai mudar, vêm os relatos de um cotidiano marcado pela imposição a partir da arbitrariedade violenta: se não tenho, tomo para mim; se recusam, atiro. Enquanto seu irmão se forma em Direito e compõe uma família, o narrador dá desgosto aos pais, sai de casa e tenta se virar assaltando vários estabelecimentos.

MANO BROWN

Lembro que um dia o Guina me falou

(exer

Que não sabia bem o que era amor

Falava quando era criança

Uma mistura de ódio, frustração e dor

De como era humilhante ir pra escola

Usando a roupa dada de esmola

E ter um pai inútil, digno de dó

Mais um bêbado, filha da puta e só

Sempre a mesma merda, todo dia igual

Sem feliz aniversário, Páscoa ou Natal

Longe dos cadernos, bem depois

A primeira mulher e o vinte e dois

Prestou vestibular no assalto do busão

Numa agência bancária se formou ladrão

Não, não se sente mais inferior

Aí, neguinho, agora eu tenho o meu valor

Guina, eu tinha mó admiração, ó

Considerava mais do que meu próprio irmão, ó

Ele tinha um certo dom pra comandar

Tipo linha de frente em qualquer lugar

Tipo condição de ocupar um cargo bom e tal

Talvez em uma multinacional

É foda

Pensando bem, que desperdício

Aqui na área acontece muito disso

Inteligência e personalidade

Mofando atrás da porra de uma grade

Eu só queria ter moral e mais nada

Mostrar pro meu irmão

Pros cara da quebrada

Uma caranga e uma mina de esquema

Algum dinheiro resolvia o meu problema

Que que eu tô fazendo aqui?

Meu tênis sujo de sangue, aquele cara no chão

Uma criança chorando, eu com um revólver na mão

Ou era um quadro do terror, e eu que fui o autor

(exer

Agora é tarde, eu já não podia mais

Parar com tudo, nem tentar voltar atrás

Mas no fundo, mano, eu sabia

Que essa porra ia zoar a minha vida um dia (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-015)

TÔ OUVINDO ALGUÉM ME CHAMAR...

Ao invés de utilizar uma estratégia simplista de condenar o criminoso, porque fatalmente ele morrerá ou será preso, as letras dos Racionais MC's tentam debater as causas e consequências que levam os indivíduos a praticarem furtos e a matarem. Talentos desperdiçados em meio à falta de oportunidades, humilhação decorrente da pobreza e racismo por causa da cor da pele negra são motivações recorrentes nas letras. Ao invés da enumeração de ações violentas, o que se encontra nas canções são narrativas testemunhais contundentes que exploram as adversidades enfrentadas por homens e mulheres de baixa instrução escolar à mercê de um sistema racista que jamais lhes dará uma oportunidade. A articulação crítica desses fatos parte de análises que envolvem a ausência de afetividade na infância, a prática da violência por parte das camadas altas em relação às baixas, a dificuldade de conviver com as demandas materialistas geradas por um sistema capitalista que segrega ao invés de integrar, a partir do elitismo do consumo. (exer

É importante ressaltar que nos anos 1990, paralelamente ao reconhecimento social do poder de conscientização e potencial político do rap que emanava das periferias, ocorria um encarceramento em massa da população negra no Brasil. As letras de *Sobrevivendo no inferno* vão explorar essa trágica destinação social dos afro-brasileiros e pardos no país.

O ambiente da criminalidade é um dos maiores redutos daqueles indivíduos mercantilizados, coisificados pelo sistema de consumo que os aliena. A sedução exercida pelo tráfico e a ausência de expectativas de melhora econômica tornam-se fatais. Nota-se como o *rap* narra a criminalidade não de modo imparcial, mas de forma complexa. Os Racionais MC's sabem

bem que o *rap* transforma vidas, possibilitando novas perspectivas que dão voz àqueles cujos discursos não aparecem ou são desconsiderados.

Isso ocorre exemplarmente na música “Diário de um detento”, uma parceria entre Mano Brown e Jocenir, um detento que narra o dia que antecede a chacina praticada por policiais contra os presos no episódio que ficou conhecido como Massacre do Carandiru, em 02 de outubro de 1992. Mano Brown menciona também muitas cartas recebidas dos detentos como base para a criação da letra, mas a autoria é atribuída aos dois. A letra constrói-se a partir da ansiedade que toma conta dos pavilhões momentos antes da polícia reprimir uma rebelião entre os presos, seguindo-se o clímax com o assassinato dos detentos e o dia posterior, com o sangue, os cadáveres e as imagens de terror. A narrativa presente em “Diário de um detento” relata a angústia de quem se considera um sobrevivente, mais um em meio ao inferno na terra:

MANO BROWN

Aqui estou mais um dia

Sob o olhar sanguinário do vigia

Você não sabe como é caminhar

Com a cabeça na mira de uma HK

Metralhadora alemã ou de Israel

Estraçalha ladrão que nem papel

Na muralha, em pé, mais um cidadão José

Servindo um Estado, um PM bom

Passa fome, metido a Charles Bronson

Ele sabe o que eu desejo

Sabe o que eu penso

O dia tá chuvoso, o clima tá tenso

Vários tentaram fugir, eu também quero

Mas de um a cem, a minha chance é zero (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-014)

(exer



(exer

As irônicas referências a HK e a Charles Bronson ajudam a satirizar a oposição que há entre detentos e o policial, o “cidadão José”, já que, de acordo com a perspectiva do preso, trata-se de mais um igual aos detentos, todos enjaulados e uniformizados. A diferença está na posição que ocupam: o condenado é constantemente um alvo a ser vigiado até o momento certo de ser abatido. A voz poética prossegue:

MANO BROWN

Tirei um dia a menos, ou um dia a mais, sei lá

Tanto faz, os dias são iguais

Acendo um cigarro e vejo o dia passar

Mato o tempo pra ele não me matar (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-013)

A rotina repetitiva do presídio envolve de tal maneira o cotidiano do detento que passa a não fazer mais diferença quanto mais cumprirá de pena. No íntimo, ele sabe que será exterminado pelo sistema, mais cedo ou mais tarde. Aqui é importante ressaltar que não há glorificação da criminalidade na letra, tampouco amenização de culpabilidades em relação aos presos. Trata-se, sim, de um relato que expõe a crueza e abandono daqueles que estão em situação carcerária:

MANO BROWN

Cada detento, uma mãe, uma crença

Cada crime, uma sentença

Cada sentença, um motivo, uma história

De lágrima, sangue, vidas e glórias

Abandono, miséria, ódio, sofrimento

Desprezo, desilusão, ação do tempo

Misture bem essa química

Pronto: eis um novo detento

Lamentos no corredor, na cela, no pátio

Ao redor do campo, em todos os cantos

Mas eu conheço o sistema, meu irmão

Aqui não tem santo

Ratatata, preciso evitar

Que um safado faça minha mãe chorar

Minha palavra de honra me protege

Pra viver no país das calças bege (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-012)

(exer

Enquanto os códigos de conduta e honra protegem aqueles que seguem o *proceder* no “país das calças bege” – uma alusão ao uniforme penitenciário –, os criminosos, principalmente os estupradores, dentro do próprio sistema carcerário, recebem punições, relata o detento. Ecoando o barulho dos trilhos do metrô que passa defronte ao presídio e as rajadas de armas que permeiam o imaginário dos detentos, a voz poética reflete sobre as desigualdades que fortalecem a marginalização dos presos:

MANO BROWN

Ratatatá, mais um metrô vai passar

Com gente de bem, apressada, católica

Lendo jornal, satisfeita, hipócrita

Com raiva por dentro, a caminho do centro

Olhando pra cá, curiosos, é lógico

Não, não é, não, não é o zoológico

Minha vida não tem tanto valor

Quanto seu celular, seu computador (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-011)

(exer

O mundo da criminalidade não é apenas circunstancial nas letras dos Racionais MC's, mas de fato representa uma intensa vivência que cobrará seu preço por toda a vida. Os narradores das músicas frequentemente posicionam-se ao lado dos protagonistas nas histórias descritas. Há um comprometimento de lealdade com a visão de mundo daquele indivíduo que é descrito e dramatizado pelos *rappers*. Porém, há também certo distanciamento crítico, para que a mensagem social que se pretende traduzir poeticamente se mantenha. Legitima-se, assim, a experiência do narrador – voz dominante – sem desgastar, por meio da inverossimilhança, os personagens descritos. Há, portanto, a busca de uma verdade documental, mesmo quando permeada pela subjetividade do enunciador:

MANO BROWN

Aí, moleque, me diz, então: cê quer o quê?

A vaga tá lá esperando você

Pega todos seus artigo importado

Seu currículo no crime e limpa o rabo

A vida bandida é sem futuro

•

Sua cara fica branca desse lado do muro

Já ouviu falar de Lúcifer?

Que veio do inferno com moral?

Um dia no Carandiru, não ele é só mais um

Comendo rango azedo com pneumonia (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-010)

•

(exer

•



(exer

Enfim, quando o relato chega ao dia dois de outubro, o clímax se inicia com a descrição de calafrios, barulhos e fumaça nas celas, balbúrdia por causa de presos revoltosos que não teriam nada a perder. As metáforas utilizadas são fortes como a experiência de passar pelo massacre no Carandiru. Não há eufemismos nem meias

palavras, mas terror instaurado em um discurso que mescla sarcásticas alusões ao governador de São Paulo na época, Luiz Antonio Fleury Filho, aos meios de comunicação de massa e, novamente, ao “ratatata” como onomatopeia agora relacionada à rajada das metralhadoras que ceifaram a vida dos presos, muitos réus primários:

MANO BROWN

Era a brecha que o sistema queria

Avise o IML, chegou o grande dia

Depende do sim ou não de um só homem

Que prefere ser neutro pelo telefone

Ratatata, caviar e champanhe

Fleury foi almoçar, que se foda a minha mãe

Cachorros assassinos, gás lacrimogêneo

Quem mata mais ladrão ganha medalha de prêmio

O ser humano é descartável no Brasil

Como modess usado ou bombril

Cadeia guarda o que o sistema não quis

Esconde o que a novela não diz

Ratatata, sangue jorra como água

Do ouvido, da boca e nariz

O Senhor é meu pastor, perdoe o que seu filho fez

Morreu de bruços no Salmo 23

Sem padre, sem repórter

Sem arma, sem socorro

Vai pegar HIV na boca do cachorro

Cadáveres no poço, no pátio interno

(exer

Adolf Hitler sorri no inferno

O Robocop do governo é frio, não sente pena

Só ódio, e ri como a hiena

Ratatatá, Fleury e sua gangue

Vão nadar numa piscina de sangue

Mas quem vai acreditar no meu depoimento?

Dia três de outubro, diário de um detento (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-009)

A antecipação da contestação em relação à veracidade do relato denota a descrença da sociedade na recuperação dos marginalizados – quem vai acreditar no depoimento de um detento que odeia policiais e pretende fugir da cadeia? –, trazendo à tona também a trágica destinação dos presos reincidirem na criminalidade. O Massacre do Carandiru, ocorrido no Pavilhão 9, entra para a história brasileira, segundo a canção, como um conveniente extermínio de pessoas que o sistema social se nega a aceitar de volta. O robocop implacável do governo, programado para matar, o nazista Hitler gargalhando com o sangue derramado, o HIV na boca do cachorro são imagens tão alucinantes e agressivas quanto poderia ser estar presente na penitenciária nesse dia. Se a “cadeia guarda o que o sistema não quis” e “esconde o que a novela não diz”, mortes de presos são comemoradas pelo governo, não lamentadas. Morrer de bruços no Salmo 23 demonstra que não há redenção para o presidiário, já que o pastor – o protetor, o salvador –, que deveria guardar o detento, está ausente. (exer

Esse *rap* faz uma fotografia do desprezo que a classe média e a elite brasileira nutrem pelos marginalizados, sem perceber que alimentam a continuidade da criminalidade. Ao denunciar o Massacre do Carandiru, recorrendo ao olhar testemunhal de um detento, os Racionais MC's almejam propor uma nova narrativa que se contrapõe ao discurso oficial de controle da lei e manutenção da ordem, que autorizou o batalhão militar a entrar no presídio para conter o motim – a chacina foi bem-sucedida. O “ratatatá” das linhas de metrô continuaria ainda durante algum tempo, até que o presídio fosse desativado e demolido, mas essa canção deixou marcada na história recente do país as rajadas de balas que ceifaram vidas de indivíduos que a “gente de bem” com “raiva por dentro” invisibiliza e prefere eliminada “numa piscina de sangue”.

O teor de violência presente em outra canção, “Mágico de Oz”, também visa ao incômodo do interlocutor, mas dessa vez voltando-se para o universo infantil, narrando o cotidiano das crianças que vivem nas ruas e se viciam em *crack*. A voz de uma criança enuncia como começou a usar a droga para se esquecer dos problemas, além de querer

um mundo onde não houvesse droga, fome ou policiais. Com seu instinto de sobrevivência, envolve-se com prostitutas, traficantes e prossegue a jornada de habitar as ruas de grandes centros urbanos, observando os exemplos que tem diante de si:

EDI ROCK

Moleque novo que não passa dos doze

Já viu, viveu, mais que muito homem de hoje

Vira a esquina e para em frente a uma vitrine

Se vê, se imagina na vida do crime

Dizem que quem quer segue o caminho certo

Ele se espelha em quem tá mais perto

Pelo reflexo do vidro ele vê

Seu sonho no chão se retorcer

Ninguém liga pro moleque tendo um ataque

Foda-se quem morrer dessa porra de crack

Relaciona os fatos com seu sonho

Poderia ser eu no seu lugar?

Das duas, uma: eu não quero desandar

Por aqueles mano que trouxeram essa porra pra cá

Matando os outros em troca de dinheiro e fama

Grana suja, como vem, vai, não me engana

Queria que Deus ouvisse a minha voz

E transformasse aqui no mundo mágico de Oz ([Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-008](#))

A polícia torna-se a antítese da segurança, pois, além de ser corrompida pelo dinheiro gerado pelo tráfico de drogas, estimula a violência mostrando-se agressiva e arbitrária, tornando-se a materialização de uma lei punitiva contra negros e fracos, mas tolerante com aqueles que lhes suborna:

EDI ROCK

Rezei pra um moleque que pediu:

“Qualquer trocado, qualquer moeda. Me ajuda, tio”

Pra mim não faz falta, uma moeda não neguei

E não quero saber... O que que pega se eu errei?

Independente, a minha parte eu fiz

Tirei um sorriso ingênuo, fiquei um terço feliz

Se diz que moleque de rua rouba

O governo, a polícia no Brasil, quem não rouba?

Ele só não tem diploma pra roubar

Ele não se esconde atrás de uma farda suja

É tudo uma questão de reflexão, irmão

É uma questão de pensar

A polícia sempre dá o mau exemplo

Lava minha rua de sangue, leva o ódio pra dentro

Pra dentro de cada canto da cidade

Pra cima dos quatro extremos da simplicidade

A minha liberdade foi roubada

Minha dignidade, violentada

Que nada

Os manos se ligar

Parar de se matar, amaldiçoar

Levar pra longe daqui essa porra

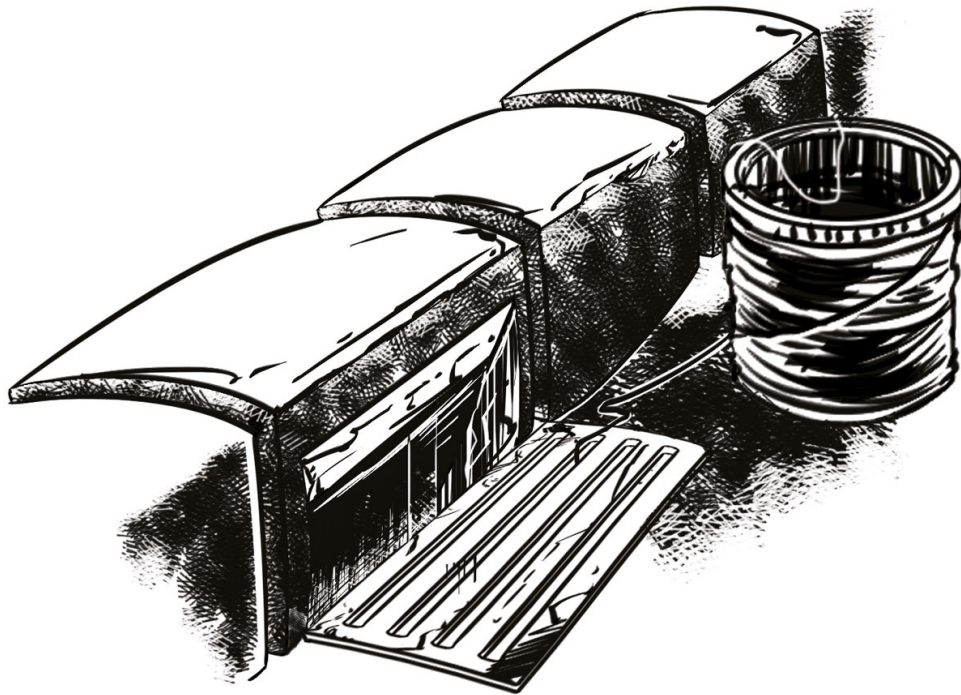
(exer

Não quero que um filho meu um dia (Deus me livre!) morra

Ou um parente meu acabe com um tiro na boca

É preciso eu morrer pra Deus ouvir minha voz

Ou transformar aqui no mundo mágico de Oz (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-007)



(exer

As instituições de poder, como o governo e a polícia, ao invés de darem o exemplo de cordialidade e justiça, de proteção aos mais necessitados, perpetuam-se, na visão do *rap*, como a força que oprime os fracos. Assim, o poder das letras dos Racionais MC's emana da concretização do imaginário coletivo da periferia, a partir de uma construção poética que privilegia a perspectiva daqueles que, ao invés de se autossabotarem e se destruírem, conforme determina o sistema excludente no qual sobrevivem, procuram fortalecer-se pela consciência crítica. O “mundo mágico de Oz”, inalcançável para a criança a quem a voz narrativa ajuda com alguns trocados, contrariando a ordem social de que não se deve dar dinheiro aos pedintes, não seria destituído apenas de violência, mas principalmente daqueles que a perpetuam, pois lucram com ela. O *rapper* adverte que os *manos* devem parar de se matar, pois é esse o objetivo do sistema construído por ricos que têm diploma para roubar – eles, sim, os verdadeiros genocidas.

A polícia não é vista como apenas uma inimiga, mas como um obstáculo ao engrandecimento do movimento negro, aos conjuntos ativos de moradores das favelas que desenvolvem um olhar crítico sobre seu lugar na sociedade, assim como o *rap* faz nas periferias. No mundo “mágico de Oz”, não haveria desigualdade, portanto, excluem-se as drogas e a força policial, o tráfico e o suborno, a injustiça que se prolifera pela ação

corrupta e abusiva daqueles que exterminam os pobres, seres descartáveis em um mundo no qual a pobreza é sujeira, e as crianças de rua cujos reflexos distorcidos nas vitrines de lojas caras são apenas um breve incômodo – se o *crack* levá-las embora, economiza-se o trabalho e o desconforto.

TEM QUE SABER CURTIR, TEM QUE SABER LIDAR

Em suas canções, os Racionais MC's deixam manifesto o profundo orgulho das suas origens afrodescendentes, além de enaltecer, sempre que possível, a lealdade com os irmãos da *quebrada*, cuja etnia e histórico de pobreza compartilham. Os *manos* são assim denominados não ao acaso: indica-se com tal identificação uma explícita intenção de igualdade.

A psicanalista Maria Rita Kehl atenta para um sentimento de fratria, de irmandade por assim dizer, que visa a construir um campo de identificações horizontais, que se contrapõe de imediato aos modos de identificação verticais, bem comuns em estruturas sociais marcadas pela proeminência de líderes e ídolos. Inversamente, o discurso dos Racionais MC's promove um apelo ao semelhante, ao irmão, ao parceiro da *quebrada*, aos *50 mil manos*, pois juntos tornam-se mais fortes. A esperteza e consciência de todos evita que o pobre siga o caminho de submissão determinado aos negros e pobres. (exerc Ironizando a inveja e a pilantragem dos bandidos, o grupo de rap enfatiza o poder de inclusão, pois são todos vítimas da mesma discriminação e da mesma falta de oportunidades:

O real é a matéria bruta do dia a dia da periferia, é a matéria a ser simbolizada nas letras do *rap*. Uma tarefa que, como todo trabalho de simbolização, depende de um trabalho de criação de linguagem que só pode ser coletivo. É como se os poetas do *rap* fossem as caixas de ressonância, para o mundo, de uma língua que se reinventa diariamente para enfrentar o real da morte e da miséria; por isso eles não deixam a favela, não negam a origem. (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-006)

Em “Qual mentira vou acreditar”, por exemplo, Edi Rock vai narrando as expectativas sobre a noite de curtição enquanto descreve a típica abordagem policial que os negros da periferia têm que enfrentar diariamente, provando que os *manos* já devem saber como agir, uma vez que todos participam do mesmo contexto:

EDI ROCK

Tô devagar, tô a cinquenta por hora

Ouvindo *funk* do bom, minha trilha sonora

A polícia cresce o olho, eu quero que se foda •

Zona Norte, a bandidagem curte a noite toda

Eu me formei suspeito profissional

Bacharel, pós-graduado em tomar geral

Eu tenho um manual com os lugares, horários

De como dar perdido

(sirene de polícia)

[OUTRO]

Ai, carai •

(voz de policial)

Prefixo da placa é eme ípsilon

Sentido Jaçanã, Jardim Hebrôm

EDI ROCK

(exer •

Quem é preto como eu já tá ligado qual é

Nota fiscal, RG, polícia no pé

(voz de policial)

Escuta aqui...

O primo do cunhado do meu genro é mestiço

Racismo não existe, comigo não tem disso

É pra sua segurança...

EDI ROCK

Falô, falô, deixa pra lá

Vou escolher em qual mentira vou acreditar (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-005)

As letras dos Racionais MC's convocam os ouvintes a não se acostumarem com o cotidiano violento em que estão imersos, pregando a insatisfação como atitude de vida. O revide a partir de um discurso que transforma o ódio em força de conscientização é resultado da internalização da violência, a qual alicerça todo um sistema social que transforma os humanos em mercadoria descartável. Ao invés da conciliação de classes e da cordialidade, os Racionais MC's propõem o desmonte desse sistema e provocam a reflexão acerca do senso de justiça. Se o sistema capitalista oferece conforto material, por que ele não pode oferecer isso aos negros da periferia? Se a justiça visa ao benefício do cidadão, por que os pobres são tratados de maneira desigual? Se o Brasil é um país mestiço, por que morrem mais negros e os afro-brasileiros são tão desprezados? Assim canta Mano Brown em "Fórmula mágica da paz":

Essa porra é um campo minado

Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui?

Mas, aí, minha área é tudo o que eu tenho

A minha vida é aqui e eu não consigo sair

É muito fácil fugir, mas eu não vou

Não vou trair quem eu fui, quem eu sou

Eu gosto de onde eu tô e de onde eu vim

O ensinamento da favela foi muito bom pra mim

[...]

Então, como eu tava dizendo, sangue bom

Isso não é sermão, ouve aí, tem o dom?

Eu sei como é que é

É foda, parceiro

É... a maldade na cabeça o dia inteiro

Nada de roupa, nada de carro, sem emprego

Não tem ibope, não tem rolê, sem dinheiro

Sendo assim, sem chance, sem mulher

(exer

Você sabe muito bem o que ela quer

Encontre uma de caráter se você puder

É embaçado ou não é? (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-004)

O registro da enunciação de uma testemunha nesse rap ampara o relato biográfico e poético de quem nunca desfrutou de lazer e conforto material em seu cotidiano, sendo tentado pela criminalidade para alcançar *status* e algum tipo de posses materiais. Em meio à precariedade da vida na periferia, as diversas vozes que executam as músicas dos Racionais MC's parecem buscar continuamente a realização de um projeto de vida que parece estar sempre distante. Superar a violência parece impossível, mas se tenta ao menos observá-la a partir de um ponto de vista particular e social, testemunhal, chamando a atenção para a destinação dos pobres massacrados pela exclusão social. Segue-se um dos trechos mais líricos de *Sobrevivendo no inferno*, dada a força de síntese de um desabafo transmutado em poesia urbana, com alusões metafóricas profundas acerca da própria noção da existência nos infernos periféricos da sociedade:

MANO BROWN

Ninguém é mais que ninguém, absolutamente

Aqui quem fala é mais um sobrevivente

Eu era só um moleque, só pensava em dançar

Cabelo *black* e tênis *All Star*

Na roda da função mó zoeira

Tomando vinho seco em volta da fogueira

A noite inteira, só contando história

Sobre o crime, sobre as treta na escola

Eu não tava nem aí, nem levava nada a sério

Admirava os ladrão e os malandro mais velho

Mas se liga, olhe ao seu redor e me diga

O que melhorou? Da função, quem sobrou?

Sei lá, muito velório rolou de lá pra cá

Qual a próxima mãe que vai chorar?

(exer

Há, demorô!

Mas hoje eu posso compreender

Que malandragem de verdade é viver

Agradeço a Deus, aos orixás

Parei no meio do caminho e olhei pra trás

Meus outros manos todos foram longe demais

Cemitério São Luiz, aqui jaz



(exer



(exer

Os outros que foram “longe demais”, que não entenderam a lição de que a *malandragem* está na manutenção da sobrevivência, servem de base para a criação dos *raps*, menos como exemplos e mais como experiências concretas transmutadas em poesia épica, que narra a força da vida de onde tudo parece conspirar para a morte e decadência: as favelas. Escreve Acauam Silvério de Oliveira sobre a desconstrução desencadeada pelas músicas dos Racionais MC’s no cancioneiro popular brasileiro:

Conscientização e sobrevivência: dois momentos de uma mesma tarefa histórica a que o *rap* se propõe, posto que a condição da sobrevivência é a conscientização, e a validade desta é medida pelo grau de contribuição efetiva que oferece aos sujeitos em sua luta cotidiana. Só sobrevive no inferno quem conhece seu jogo, as artimanhas do demônio, e não cai em suas garras. Boa parte da força dos Racionais consiste na nomeação precisa das muitas encarnações do demo, assim como na compreensão precisa do alcance de seu poder de persuasão. (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-002)

A afirmação da liberdade, segundo cantada por Mano Brown, torna-se uma espécie de revide sarcástico contra o sistema genocida que aliena os pobres, extermina os presidiários e mata os negros, condenando-os às periferias precárias. A “fórmula mágica da paz” é sobreviver e manter-se lúcido em meio ao inferno, enquanto os que fraquejam são engolidos pelo crime e pelo sistema judicial, que aprisiona os negros em massa. A

“fórmula” é única, mas serve de referendo aos ouvintes porque diz respeito ao testemunho de quem sobrevive a todas as tentações que encurtariam a existência de negros pobres. A força dos *aliados*, a conduta honesta em meio à *trairagem*, o respeito às *quebradas* e ao contexto de cada espaço social são pistas de um código de ética erigido com base no pragmatismo de quem vê diariamente esse inferno de perto:

MANO BROWN

Uma pá de mano preso chora a solidão

Uma pá de mano solto sem disposição

Empenhorando por aí rádio, tênis, calça

Acende no cachimbo, virou fumaça

Não é por nada, não, mas aí, nem me liga, ó

A minha liberdade eu curto bem melhor

Eu não tô nem aí pra o que os outros fala

Quatro, cinco, seis preto num Opala

Pode vim, gambé, paga pau, tô na minha, na moral

Na maior, sem goró, sem pacau, sem pó

Eu tô ligeiro, eu tenho a minha regra

Não sou pedreiro, não fumo pedra

Um rolê com os aliado já me faz feliz

Respeito mútuo é a chave, é o que eu sempre quis

Procure a sua, a minha eu vou atrás

Até mais, da fórmula mágica da paz (Sobrevivendo_no_inferno.html#footnote-001)

Enquanto traficantes e policiais parecem cumprir a função de ceifar vidas e estabelecer um poder paralelo às leis comuns, segundo denunciam as letras, a população carente se vê sem lugar de apoio. As igrejas apinhadas, levando em consideração o contexto religioso da renovação carismática no período histórico do lançamento do álbum, cumprem esse papel. A formação de quadrilhas de *aliados* também, já que os grupos de *rap* quase sempre contam com o apoio de diversos *manos trutas de batalha*. E assim se

(exer

estabelecem organizações sociais paralelas ao Estado, esse sim incapaz de suportar os indivíduos carentes, inábil que é, segundo apontam as letras, até em esconder o racismo declarado contra os afro-brasileiros. A letra de “Fórmula mágica da paz”, como um fechamento grandiloquente para o álbum dos Racionais MC’s, antes do “Salve” final às comunidades parceiras, é estratégica por causa do desabafo ideológico de uma voz que se confessa confusa e vacilante diante de tamanhas contradições, subjetivas e sociais. A riqueza dessa canção decorre da total relativização da violência e dos pontos de vista que tentam entendê-la, mais do que simplesmente recebê-la passivamente:

MANO BROWN

Porra, eu tô confuso, preciso pensar

Me dá um tempo pra eu raciocinar

Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá

Minha ideologia enfraqueceu

Preto, branco, polícia, ladrão ou eu?

Quem é mais filha da puta, eu não sei

Aí fudeu, fudeu

Decepção essas hora

A depressão quer me pegar, vou sair fora

Dois de novembro, era Finados

Eu parei em frente ao São Luiz do outro lado

E durante uma meia hora olhei um por um

E o que todas as senhoras tinham em comum?

A roupa humilde, a pele escura

O rosto abatido pela vida dura

Colocando flores sobre a sepultura

Podia ser a minha mãe

ICE BLUE

(exer

PROCURE A SUA PAZ

Aos sujeitos periféricos, sejam eles bandidos ou meninos de rua, habitantes das favelas ou moradores das ruas, o *rap* oferece novos entendimentos acerca da violência que estrutura uma sociedade desigual como a brasileira, além de propor novas formas de sobrevivência. A voz poética dos Racionais MC's se posiciona ao lado dos marginais, entendendo tal estratégia como algo pensado justamente para oferecer uma inovadora perspectiva sobre a composição étnica e social do Brasil. Isso não significa se confundir com o marginal, pelo contrário. Desalojado dos espaços de poder, o *rapper* não se coloca como o bandido, mas como o “terrorista da periferia” que contraria as estatísticas, pois não foi encarcerado ou morto antes dos vinte e sete anos. A favela, as periferias e todo espaço de exclusão devem ser ambientes de união e conscientização: essa é a mensagem das canções.

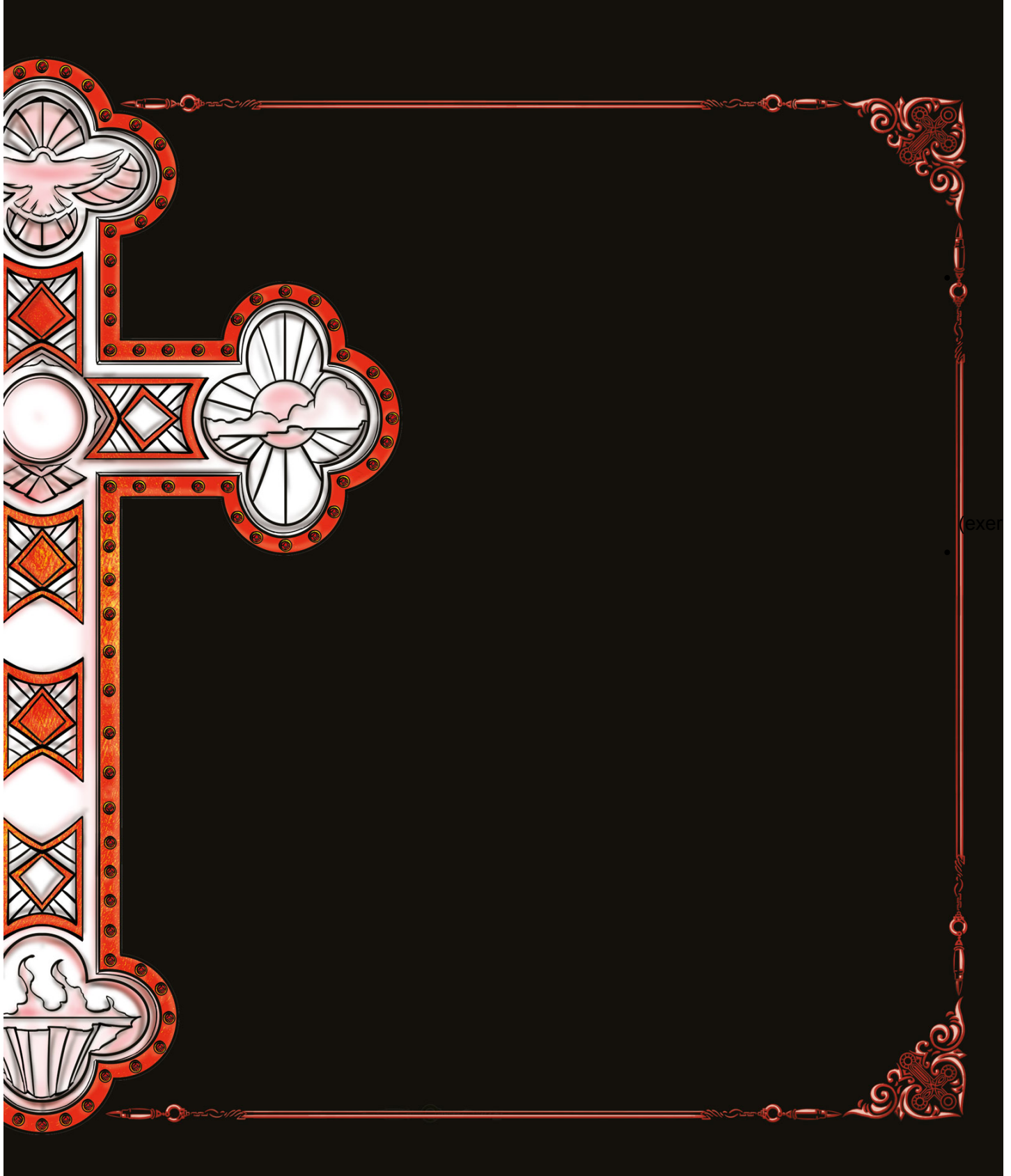
Os Racionais MC's se mostram, dessa forma, como pensadores urbanos, pois propõem, ao invés da raiva ostensiva e do ódio desgovernado, a estratégia de traçar metas de sobrevivência inteligentes em meio ao caos e condenação social. Chegando ao poder midiático por vias alternativas, alcançando o sucesso financeiro às custas do esforço e da labuta artística, paralela aos grandes circuitos da chamada “alta” cultura, eles promovem uma exemplar atitude de como as mentes dos marginalizados podem ser potentes e revolucionar a sociedade.

As canções presentes em *Sobrevivendo no inferno* oferecem ferramentas discursivas e filosóficas tanto para criticar o sistema, acusando-o de genocida contra os negros, como também para ajudar a repensar as estruturas de poder que inferiorizam os pobres no Brasil. As letras traduzem o baixo calão grosseiro das ruas em palavras de poder e conscientização.

Os palavrões se mostram mais como ênfase ao desabafo diante das incertezas e desigualdades que se abatem contra os negros pobres do país do que como mero exercício de agressão linguística gratuita. O desconforto traduzido em poemas narrativos cantados com a revolta de quem vem das ruas e busca entender o funcionamento dos mecanismos sociais pretende isso mesmo: tirar o espectador do comodismo.

Mais do que se sensibilizar com as crianças de rua viciadas em *crack*, mais do que se revoltar com a chacina dos presos pela força arbitrária do Estado, ou simplesmente mais do que entender como é vivenciar experiências de perda e luto promovidas pela violência do tráfico de drogas, os *raps* dos Racionais MC's desestabilizam “seu sistema nervoso e sanguíneo”, oferecendo um quadro poético onde se ouvem vozes que se cruzam em múltiplos sentidos, mas nunca se contradizem, porque todas são válidas. Registro coletivo da violência que permeia o ambiente urbano brasileiro, seguindo o discurso e o olhar daqueles que até então eram sumariamente silenciados e desconsiderados,

Sobrevivendo no inferno é capaz de construir testemunhos de força poética e narrativa • que, ao invés de simplesmente registrar as mazelas, problematiza-as com o poder criativo que só textos estéticos são capazes. Os *raps* dos Racionais MC's provam que a *malandragem* de verdade é mais do que sobreviver ao inferno, mas tentar transformar a realidade excludente e preconceituosa, a partir do olhar sensível presente na poesia ritmada que surge das periferias e pode alcançar qualquer espaço social do país.



REFERÊNCIAS:

BOSCO, Francisco. *Cult: a voz e a música do Racionais*. Disponível em: <<http://barrigudanews.blogspot.com/2014/07/cult-voz-e-musica-do-rationais.html>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

BROWN, Mano. Entrevista concedida à revista *Showbizz*, n. 155, jun. 1998.

_____. *Eminência parda*. São Paulo: 2010. *Rolling Stone*, n. 39, 2009. Entrevista concedida a André Caramante.

CARTA CAPITAL. Atlas da violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Há 20 anos, Racionais deram entrevista exclusiva ao “NP”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2017/11/1935892-ha-20-anos-rationais-deram-entrevista-exclusiva-ao-np.shtml>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais MC’s. In: *Teresa*, n. 4-5, São Paulo, 2003.

_____. Elementos para a crítica estética do Racionais MC’s (1990-2006). In: *Ideias*, v.1, Campinas, 2013.

KEHL, Maria Rita. As fraternas órfãs. Disponível em: <<https://rhistoriadora.files.wordpress.com/2015/05/orfc3a3os.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

_____. Radicais, Raciais, Racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo. v.13. n. 3. 1999.

MELO, Tarso de. *Sobrevivendo no inferno: ainda e sempre*. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/sobrevivendo-no-inferno-rationais/>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

OLIVEIRA, Acaum Silvério. *O fim da canção? Racionais MC’s como efeito colateral do sistema cancional brasileiro*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2015.

_____. O evangelho marginal dos Racionais MC’s. In: RACIONAIS MC’S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Carlos André de. O terrorismo da periferia no rap “Capítulo 4, Versículo 3” dos Racionais MC’s: uma questão de atitude diante do sistema capitalista com poder em excesso. In: REEL – *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, n. 11, 2012.

RACIONAIS MC’S. *Sobrevivendo no inferno*. Companhia das Letras. 2018.

ZENI, Bruno. O negro drama do *rap*: entre a lei do cão e a lei da selva. In: *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, São Paulo, 2004.

FONOGRAMAS

RACIONAIS MC'S. SOBREVIVENDO NO INFERNO. SÃO PAULO: COSA NOSTRA, 1997. 1 CD.

VÍDEOS

MANO BROWN. Entrevista ao Roda Viva da TV Cultura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg&t=3181s>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

_____. TV Cult entrevista Mano Brown. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M3-yW6G_6AY&t=1s>. Acesso em: 30 abr. 2019.

_____. Mano Brown, um sobrevivente do inferno. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYQ>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

(exer

OLIVEIRA, ACAUM. Racionais: Sobrevivendo no inferno, por Acaum Oliveira. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sMF62jwfNL0>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MEDEIROS, Mário. Racionais: Sobrevivendo no inferno, por Mário Medeiros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lq11iDITGhg&t=1s>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

RIBEIRO, DJAMILA. Racionais: Sobrevivendo no inferno, por Djamilia Ribeiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rrImxSr0mQo>>. Acesso em: 30 abr. 2019.